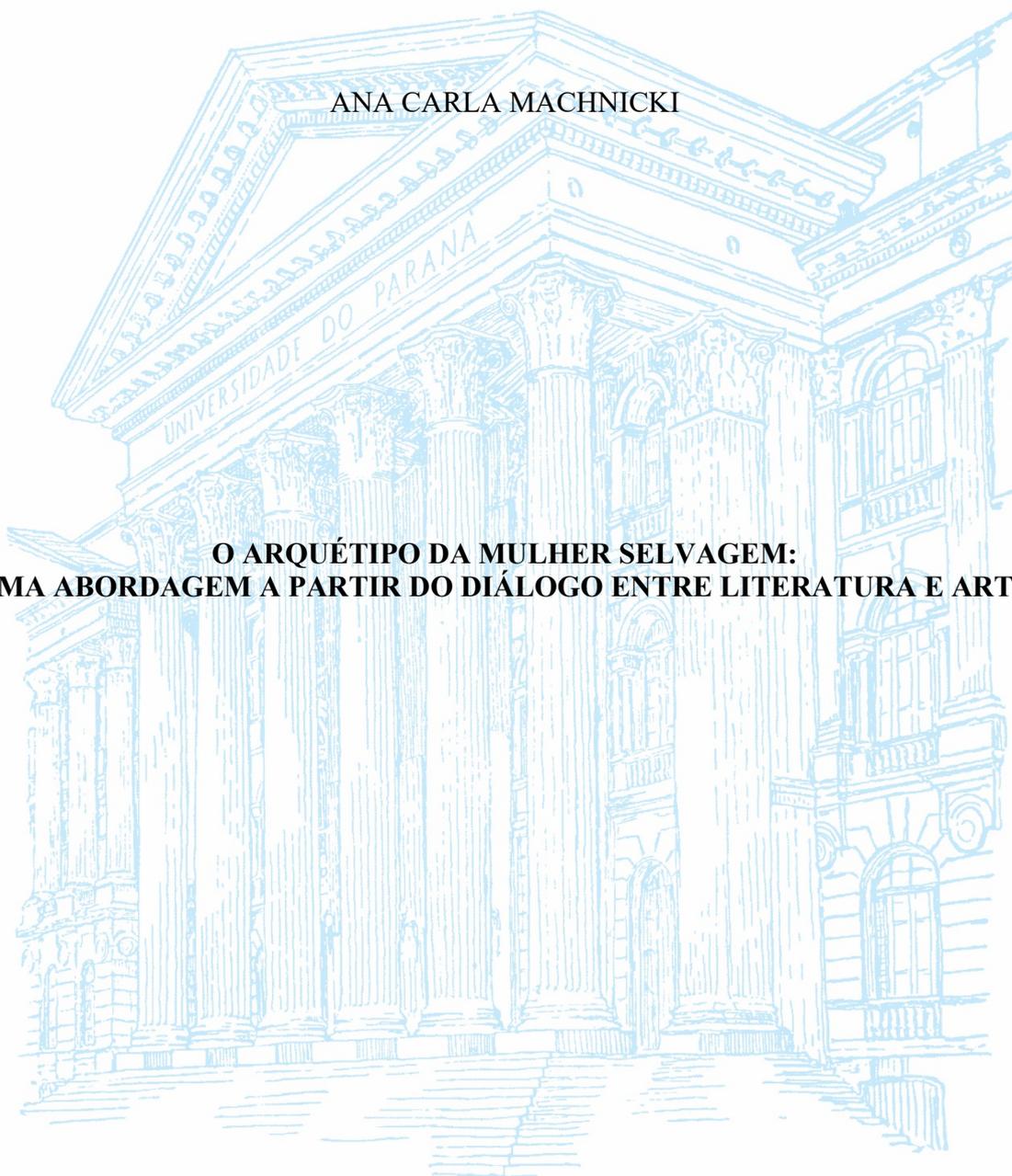


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ANA CARLA MACHNICKI

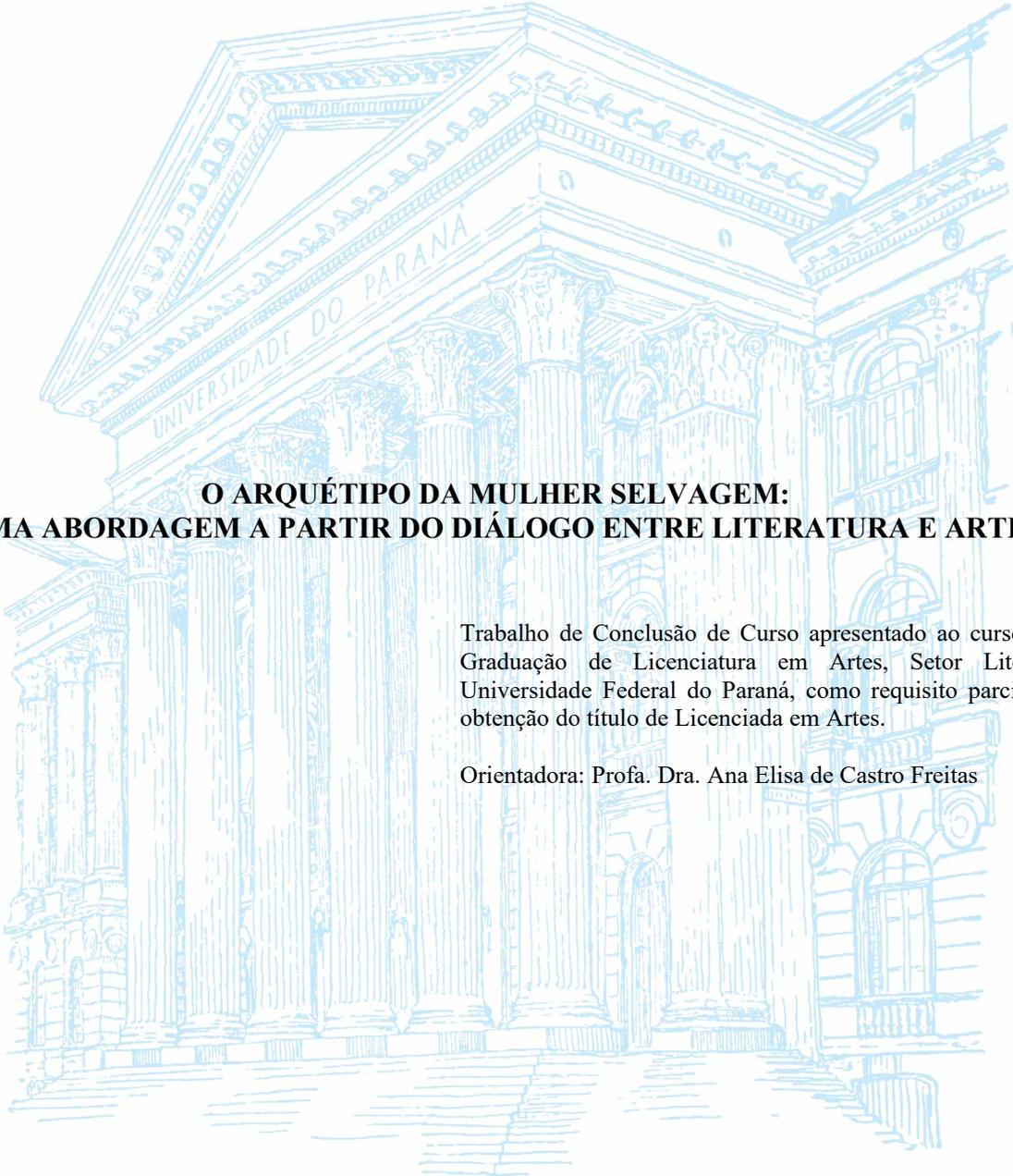
**O ARQUÉTIPO DA MULHER SELVAGEM:
UMA ABORDAGEM A PARTIR DO DIÁLOGO ENTRE LITERATURA E ARTE**



MATINHOS

2019

ANA CARLA MACHNICKI



**O ARQUÉTIPO DA MULHER SELVAGEM:
UMA ABORDAGEM A PARTIR DO DIÁLOGO ENTRE LITERATURA E ARTE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Graduação de Licenciatura em Artes, Setor Litoral, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Artes.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Elisa de Castro Freitas

MATINHOS

2019

TERMO DE APROVAÇÃO

ANA CARLA MACHNICKI

O ARQUÉTIPO DA MULHER SELVAGEM: UMA ABORDAGEM A PARTIR DO DIÁLOGO ENTRE LITERATURA E ARTE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de graduação de Licenciatura em Artes em 05 de julho de 2019, Setor Litoral, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em artes.

Profa. Dra. Ana Elisa de Castro Freitas
Orientadora – Câmara de curso de Licenciatura em Artes – Setor Litoral,
Universidade Federal do Paraná.

Profa. Me. Cristiane Rocha Silva
Câmara do curso de Agroecologia – Setor Litoral, Universidade Federal do
Paraná.

Profa. Dra. Luciana Ferreira
Câmara do curso de Licenciatura em Artes – Setor Litoral, Universidade Federal do
Paraná.

Matinhos, 05 de julho de 2019.

AGRADECIMENTOS

A minha família, que me deram suporte mesmo em meio as diversas dificuldades que passamos, cada um de nós atravessamos diferentes desafios para estarmos aqui. Agradeço do fundo do coração toda a ajuda, amor e compreensão que vocês podem me dar.

Aos meus amigos, em especial a minha família do coração Talissa Maia, Suelen Monteiro e Affonso José Guimarães, por me oferecem acolhimento e apoio, quando por muitas vezes eu acreditei estar completamente sozinha, vocês acompanharam os muitos passos que dei nessa caminhada.

A minha companheira Ana Caroline da Silva, agradeço profundamente por acreditar em mim, e por me lembrar todos os dias que eu não estou sozinha.

Especialmente a minha orientadora Ana Elisa de Castro Freitas, as minhas professoras Luciana Ferreira e Gisele Kliemann, por me acolherem, me incentivarem e me inspirarem enormemente em minha caminhada acadêmica e como arte-educadora.

“Não importa onde estejamos, a sombra que corre atrás de nós
tem decididamente quatro patas.”

Clarissa Pinkola Estés

RESUMO

O presente estudo faz uma investigação teórica e artística sobre o feminino, partindo da perspectiva psicanalítica apresentada por Clarissa Pinkola Estés em seu livro “Mulheres que correm com os lobos”, onde a autora explora as faces do arquétipo da Mulher Selvagem através das histórias tradicionais dos contos de fadas e mitos de diversas culturas. Partindo desse ponto é proposta uma análise do papel dos contos e mitologias para a vida humana individual e social, especialmente o das mulheres, e seu resgate na contemporaneidade. Os contos de fadas tradicionais, geralmente registrados por homens, reforçam um padrão de feminilidade que não reflete a realidade da mulher contemporânea, a partir do avanço do movimento feminista, o papel da mulher na sociedade tem uma nova forma e carece de novas representações. Essas representações, como demonstradas pelo estudo, existem desde tempos remotos, de quando ainda eram contadas oralmente pelas mulheres e estão ignoradas da literatura clássica. A partir do estudo realizado, busca-se interpretar e disseminar essas histórias e o arquétipo da mulher selvagem, através de uma proposta de instalação artística em diálogo com a arte educação, abrindo espaço para a contação de histórias femininas empoderadoras dos sujeitos na sociedade atual.

Palavras-chave: Feminino; Mulher Selvagem; arquétipo; Contos de fadas

ABSTRACT

The present study makes a theoretical and artistic research on the feminine, starting from the psychoanalytical perspective presented by Clarissa Pinkola Estés in her book "Women who run with the wolves", the author explores the faces of the archetype of the Wild Woman through the traditional histories of the fairy tales and myths from various cultures. Starting from this point it is proposed an analysis of the role of tales and mythologies for individual and social human life, especially that of women and their rescue in the contemporary world. Traditional fairy tales, usually recorded by men, reinforce a pattern of femininity that no longer reflects the reality of today's woman, from the advance of the feminist movement, the role of women in society has a new form and lacks new representations. These representations as demonstrated by the study have existed since ancient times, when they were still counted orally by women, and ignored by classical literature. Based on the study, it is sought to rescue these stories and the archetype of the wild woman, through a proposal of artistic installation with educational potential, which leads to the telling of feminine stories empowering the individuals of contemporary society.

Keywords: Female; Wild woman; archetype; Fairy tale

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. O MITO, OS ARQUÉTIPOS E OS SÍMBOLOS.....	13
3. O RESGATE DOS CONTOS DE FADAS E SUA IMPORTÂNCIA NO MUNDO ATUAL...16	
4. FALAS FEMININAS AS CONTADORAS E AS PERSONAGENS.....	19
5. O ARQUÉTIPO DA MULHER SELVAGEM.....	21
6. A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS.....	23
7. PESQUISA EM ARTES VISUAIS NO DIÁLOGO COM A LITERATURA.....	24
7.1 VASSALISA.....	25
7.2. A PRINCESA QUE SE PERDEU NA FLORESTA.....	27
7.3. HISTÓRIA DA DONZELA TEODORA.....	29
8. ARQUÉTIPOS E HISTÓRIAS: ENSAIO DE UM PROJETO EXPOSITIVO.....	31
9. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
REFERÊNCIAS.....	33

1.INTRODUÇÃO

A pesquisa se debruça sobre o feminino, especificamente focalizando o arquétipo da mulher selvagem e suas representações na literatura e as possibilidades de exploração destas representações em ações educativas, atividades de arte educação, mas também em criações, exposições e instalações artísticas é o foco deste trabalho de conclusão de curso. Procura-se seguir o fio das narrativas para conhecer mais sobre as representações do feminino através da história humana, percurso que também pode ser feito por meio do estudo de lendas, mitos, ou contos de fadas.

O desdobramento interdisciplinar da pesquisa situa-se, assim, na interface dos estudos de gênero, literatura e arte, com possível aplicação à área da educação, tendo em vista que os textos escolhidos para o desenvolvimento da investigação bem como a proposta de instalação podem ter potencial educativo voltado à formação de uma sensibilidade estética aos temas relacionados ao feminino, ao gênero na contemporaneidade.

Os eixos teórico-metodológicos que organizam a investigação envolvem também estudos do campo da psicologia e psicanálise, especialmente para a abordagem do conceito de arquétipo com o qual trabalhamos.

A linha de discussão deste trabalho apresenta primeiramente o arcabouço teórico estruturado para a base de uma iniciativa prática em arte educação, apresentada a partir dos capítulos 7 e 8. A temática do trabalho emerge com uma proposta de instalação expositiva, abarcando possibilidades de criação em artes visuais (área de atuação artística da autora), contemplando o viés educativo da arte, ao tratar de um tema tão importante e propor reflexões.

Bettelheim (2007), em sua obra "Psicanálise dos contos de fadas", propõe que através das histórias de fadas aprendemos ensinamentos sobre problemas íntimos dos seres humanos, suas soluções e os comportamentos sociais "mais adequados", pois essas narrativas difundem ideais de comportamentos dentro da sociedade na qual foram criados. Segundo sua análise, nos contos de fadas clássicos a figura da mulher é geralmente contemplada com a felicidade somente após ter enfrentado a passagem dramática por grandes adversidades, na maioria das histórias tal felicidade vem atrelada ao casamento. Para Bettelheim (2007) uma criança não adota determinada forma de agir através das concepções de certo ou errado, mas devido a simpatia que desenvolve por um personagem, quando a menina decide agir como uma princesa, o faz porque acredita que assim encontrará a felicidade.

Paradoxalmente, na sociedade contemporânea a figura da princesa mostra-se em uma nova faceta, pois a mulher dos contos de fadas tais como “Bela Adormecida” ou “Chapéuzinho Vermelho”, concebidos para a sociedade europeia do século XVII, em geral frágil e ingênua (COSME, 2016, p.20), não corresponde mais ao ideal e a realidade da mulher do século XXI. Mostra-se, pois, necessário um resgate da força do feminino, a imagem da mulher como um ser dotado de sabedoria e capacidade para enfrentar seus próprios desafios.

Para dar conta dos objetivos da pesquisa, quais sejam, tecer uma aproximação com arquétipos femininos correlacionados aos valores-ideais de força, tenacidade, sabedoria, coragem, elegeu-se o estudo do livro "*Mulheres que correm com lobos*", de Clarissa Pinkola Estés (1999). Através de uma pesquisa bastante abrangente, a autora aborda o arquétipo da mulher selvagem identificando-o em uma diversidade de contos e histórias, narrativas situadas entre o universo dos mitos e das representações.

Grande parte das resenhas acerca desta obra enfatizam que os lobos foram pintados com um pincel negro nos contos de fada e de certa forma até hoje são representados como aterrorizantes, embora nem sempre tenham sido vistos desta forma. Sexualidade, vigor, coragem estão relacionados também a estes animais, quando postos lado a lado com a representação feminina.

A representação ou alusão narrativa à mulher selvagem está presente na literatura oral ou escrita desde as civilizações mais antigas, na figura da "Deusa". Neuman (1996 apud GERMANO, 2002, p.18) aponta que a Grande Deusa foi representada como Mãe nas culturas pré-históricas, e as figuras rupestres mostram o domínio do matriarcado e representam aspectos do caráter elementar do Feminino: gerar, criar, preservar, nutrir, dar a vida.

A mulher era então considerada como um ser divino, capaz de dar vida a outro ser humano, ligada a Natureza pelos mistérios da vida e da morte. Segundo o autor esse aspecto duplo da Grande Deusa Mãe, refere-se as suas plurais representações na história da humanidade, como por exemplo, as deusas da fertilidade e as deusas da morte, a mãe boa e a bruxa má. Outros elementos destacados quanto a natureza mítica da mulher encontram-se na alimentação, a mãe que gera o leite para alimentar o filho e a responsabilidade das mulheres na agricultura, no preparo dos alimentos e na tessitura dos fios para transforma-los em tecidos e tapetes, ou na construção de fábulas - a algumas deusas foi atribuída a função de tecer o destino da humanidade.

A Deusa também apresenta, além da dualidade, um caráter tríplice. De acordo com Mclean (1992, p.11), ela carrega em si os três níveis do mundo (céu, terra, mar ou inferno), da humanidade (corpo, alma e espírito), as etapas temporais do desenvolvimento: nascimento-

vida-morte, começo-meio-fim, passado-presente-futuro. Dentro dos arquétipos dos contos de fadas os papéis da Deusa se dividem em Donzela, Mãe e Anciã.

Rubira (2006) fala que a “imagem literária é, geralmente, resultado de um ato da imaginação criadora”, segundo a autora não basta à junção de palavras para se fazer literatura, é necessária a arte. As imagens do texto literário estão muito bem interligadas entre si, sendo como “seres entreabertos, sempre prontos para trocarem energia com o meio” (RUBIRA, 2006, p. 86). Para ela, o texto pede que o leitor ou ouvinte crie um envolvimento imaginativo com o material que ele oferece. Essa autora propõe que, através do registro das narrativas, a pesquisa pode propor a criação de imagens (ilustrações) que explicitem o mundo irreal dos contos de fadas, os tornem de alguma forma materializados diante do observador/leitor/ouvinte.

A imagem nascida de uma imaginação criadora traz, na sua poeticidade, uma essência variacional e não constitutiva. É uma imagem revestida de múltiplas cores, texturas, formas e sentido, que provoca quem a observa, convocando-o a recriá-la. Pede a participação ativa de seu espectador, pede uma imaginação que seja um ato e não uma coisa, pois ela mesma, a imagem, é ação. (RUBIRA, 2006, p. 89)

Situada nesse campo de interesse, a presente pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso se debruça sobre a obra de Clarissa Pinkola Estés e elege trabalhar com três contos de modo mais direto: “Valissa, a sabida”; “A princesa que se perdeu na floresta” e “A Donzela Teodora”.

O estudo inclui a apreciação estética das representações do arquétipo da mulher selvagem presentes nestes contos, buscando avançar para a elaboração/criação e produção de três ensaios plásticos, desenhos, cujo processo de criação emerge do diálogo entre as artes visuais com a literatura. Os desenhos criados neste processo de pesquisa integram projeto de exposição/instalação de arte, cuja concepção de montagem é apresentada como anexo do TCC.

O presente estudo, encontra justificativa ao tomar em consideração a emergência da questão do feminino na contemporaneidade, seja no ambiente universitário ou na escala urbana, onde o tema se expressa em diversas formas de organização e representação: coletivos de mulheres, intervenções urbanas demarcando as inquietações presentes nestes femininos. Isso ocorre em diferentes escalas e espaços sociais, no Brasil e no mundo, e também, de forma intensa, na universidade.

Não posso encerrar essa introdução sem trazer as motivações que movimentaram o processo de pesquisa e elaboração deste TCC. Ele nasce do meu amor pelos contos de fadas,

histórias fantásticas, heroínas e do meu encontro com o arquétipo da Mulher Selvagem, através da obra de Estés. A busca por uma aproximação compreensiva da natureza feminina selvagem, quase soterrada pelo patriarcado através dos séculos, veio como um chamado, um *Canto hondo*, canto profundo, que convida a entrar na trilha da floresta com Vassalisa, para ouvir a sabedoria da velha Yaga. Como mulher não me sinto contemplada pelas personagens femininas doces e inertes, como mulher lésbica não vejo minha felicidade no encontro do príncipe encantado e como artista apresento a necessidade de criar, gerar, de dar a vida através das linhas, formas e cores das histórias que me contemplam e que habitam dentro de mim.

2.O MITO, OS ARQUÉTIPOS E OS SÍMBOLOS

A grande coleção de mitos presentes nas diversas civilizações da humanidade nasceram de uma necessidade do ser humano de elucidar as grandes questões a respeito da vida e da morte, eles trazem a figura dos deuses e do sobrenatural, na origem do universo.

É na criação do mito que vemos o desejo primordial pela explicação do mundo que nos rodeia, o surgimento da ciência, que nos dirige a religião e a explicação pelas questões elementares da humanidade e o surgimento da poesia, a necessidade de expressar nossos anseios inomináveis. Através dos mitos os seres humanos transformam suas vidas em sabedoria, diretamente ligados com suas crenças e suas formas de expressão. (SAINZ DE ROBLES, 1965 *apud* COELHO, 2012, p.92)

Coelho (2012) aponta que a primeira aparição do “pensamento religioso” se dá através do “pensamento mágico”, a criação sobrenatural do mundo pela ação de um deus ou outra personagem que detém poderes místicos. A autora aponta que a ânsia pelo Conhecimento faz com que os indivíduos tentem aprender e compreender o mundo e seus mistérios através de três vias: a Ciência, o Mito e a História. Em uma análise mais aprofundada podemos perceber que um elo de ligação esclarece o outro, a mitologia é a criação literária de um povo, é construída pela imaginação, para suprir as lacunas daquilo que a História não tem como nos dar precedentes ou respostas. (COELHO, 2012, p. 93-94)

Pode-se dizer que, para o homem primitivo, a criação dos mitos foi uma necessidade religiosa. Para o homem moderno, a interpretação de tais mitos resultou, inicialmente, de uma necessidade científica, porque neles estaria a raiz de cada cultura e até a história particular. (COELHO, 2012, p. 94)

Os temas mitológicos persistem através dos tempos independentes da cultura onde se encontram, sendo considerados atemporais. Eles se ligam às fases da vida, às cerimônias iniciáticas tribais, aos ritos de passagem da infância para a vida adulta ou de solteiro para casado. Eles representam a tomada da responsabilidade diante do novo papel que o indivíduo terá de assumir perante a comunidade, renascendo simbolicamente diante de uma nova identidade. (CAMPBELL, 1990, p. 12)

De acordo com Campbell (1990, p.5) os mitos traduzem uma procura humana pela experiência da vida, experiências essas que encontrem significância e ressoem fora do plano físico, no “interior de nosso ser e de nossa realidade mais íntimos”, sendo os mitos pistas

deixadas por nossos antepassados para os receios que existem na alma de todos os seres humanos.

A reverberação do poder das histórias mitológicas resiste até os dias de hoje, pois ecoam dentro das pessoas como algo que é inexplicavelmente identificável com o nosso próprio ser, o corpo com que nascemos ainda é muito semelhante ao dos nossos ancestrais. Para Campbell (1990) é natural que reagimos de maneira semelhante às mesmas alegorias simbólicas. “Viver uma vida humana na cidade de Nova Iorque ou nas cavernas é passar pelos mesmos estágios da infância à maturidade sexual, pela transformação da dependência da infância em responsabilidade, própria do homem ou da mulher, o casamento, depois a decadência física, a perda gradual das capacidades e a morte.” (CAMPBELL, 1990, p. 39)

Nesse sentido a explicação biológica do inconsciente coletivo formulada por Carl Gustav Jung veio elucidar essa característica presente nas tradições mitológicas da humanidade. Para ele, a psique humana a partir da camada mais profunda de seu inconsciente é constituída de uma essência comum a todos os indivíduos, pois sendo a biologia dos corpos iguais, a experiência interior do corpo humano é a psique, que nos fornece em essência os mesmos impulsos, conflitos, medos e instintos. Os Arquétipos são a tradução dessas experiências psíquicas presentes nos mitos. (CAMPBELL, 1990, p. 53)

Segundo Jung (1998), os arquétipos ou imagens arquetípicas são as formas pela qual o inconsciente coletivo se manifesta, essas imagens tem o poder de nos pôr em contato com o que aparenta ser a fonte de nosso ser, referindo-se a uma impressão ou modelo. Os arquétipos em si, não possuem forma, seu interesse pelas imagens arquetípicas veio da maneira como os seres humanos refletem nelas as representações do pensamento inconsciente.

Referindo-se aos arquétipos femininos, Germano (2016, p.25-26) propõe que nas narrativas essas imagens são um meio para abordar as transformações vivenciadas por inúmeras mulheres em condições distintas de vida.

Para Neumann (1996 *apud* COELHO, 2012) o “Arquétipo é um modelo primordial e eterno, de impulsos ou comportamentos humanos, instintivos, que se formaram na origem dos tempos e permanecem latentes no espírito humano”. No Arquétipo temos personificação de algo intrínco a alma humana, como o mito de Prometeu que rouba o fogo dos deuses para ser idolatrado pelos homens, representando o “arquétipo da ânsia de imortalidade”. (COELHO, 2012, p. 96)

Assim como os sonhos, os mitos e contos de fadas os tornam acessíveis e simbolizam fenômenos psíquicos. Porém, enquanto os sonhos trazem uma alta carga de pessoalidade, as histórias míticas se traduzem como sonhos de toda a humanidade. Ao entrar em contato com

essa literatura conseguimos reviver processos psicológicos inconscientes que vem à tona e estabelecem uma conexão com nossa mente consciente. (NEUMANN, 1996 *apud* COELHO, 2012, p. 98)

A apresentação desses aspectos arquetípicos nas histórias fantásticas perpassa consistentemente pela figura simbólica. Seja através do símile, da metáfora, da imagem ou alegoria, a representação do arquétipo passa por um processo de transfiguração da realidade em uma representação poética que “faz parte dos recursos estilísticos responsáveis pela existência do poema” (COELHO, 2012, p. 99)

3.O RESGATE DOS CONTOS DE FADAS E SUA IMPORTÂNCIA NO MUNDO ATUAL

De acordo com Coelho (2012, p. 100) a nossa civilização é paradoxal, partindo da premissa que se por um lado ela demonstra cada vez mais a expansão dos limites da inteligência humana, por outro lado ela tem causado a “degradação dos grandes mitos e arquétipos”, sendo os princípios personificaram os ideais das sociedades, como o amor, a solidariedade, a fidelidade aos seus valores.

Em seu trabalho a autora afirma que estamos nos deixando governar por uma lei que visa o progresso, mas transforma qualquer coisa e qualquer um em produtos. Promovendo como um novo e grande ideal humano o consumismo, consumir coisas e ser consumido por outros. “Importante é notar que, no universo das multimídias em que estamos sitiados, o grande alvo a ser atingido, como suprema autorrealização, é o de nos transformarmos em espetáculo, para sermos admirados pelas multidões” (COELHO, 2012, p.101).

Campbell (1990) cita o sacrilégio cometido pelos colonizadores brancos no território dos Estados Unidos, com a caçada desenfreada dos búfalos, animais sagrados para os povos nativos. Uma posição que reverbera até os dias atuais na sociedade ocidental, a transformação do “vós” em “coisa”. “Os índios se dirigiam a todo ser vivente como “vós” – as árvores, as pedras, tudo. [...] O ego que vê um “vós” não é o mesmo que vê uma “coisa”. E quando se entra em guerra com outro povo, o objetivo da imprensa é transformar esse povo em “coisas”. (CAMPBELL, 1990, p. 82)

Muitas histórias se conservam, de hábito, na mente das pessoas. Quando a história está em sua mente, você percebe sua relevância para com aquilo que esteja acontecendo em sua vida. Isso dá perspectiva ao que lhe está acontecendo. Com a perda disso perdemos efetivamente algo, porque não possuímos nada semelhante para pôr no lugar. Esses bocados de informação provenientes de tempos antigos, que têm a ver com os temas que sempre deram sustentação à vida humana, que construíram civilizações e formaram religiões através dos séculos, têm a ver com profundos problemas interiores, com profundos mistérios, com os profundos limiares da travessia, e se você não souber o que dizem os sinais ao longo do caminho, terá de produzi-los por sua conta. (CAMPBELL, 1990, p.4)

Ceschi (2014, p. 14) afirma que o contexto tecnológico atual parece ter adormecido nossa capacidade de dialogar com profundas imagens únicas e formadoras, que emergem de um núcleo humano comum a todos nós, ofuscado pelas telas, pela rapidez das informações, a fluidez do mundo cibernético e a lógica devoradora do mercado, num consumismo desenfreado e insaciável. Para a autora fica o questionamento de como podemos conciliar os

novos meios com a perpetuação das histórias fundamentais para a alma humana, como podemos nos apropriar deles para sermos contadores de histórias e transmissores da mensagem.

As artes, e no seu contexto o cinema, têm se apresentado como um importante meio de difusão dessas histórias para as gerações atuais, como os filmes de animações e outras adaptações cinematográficas, além de releituras e adaptações das histórias dentro das teorias contemporâneas que as transformam para promover exemplos mais adequados a nossa sociedade atual, incluindo-as no mundo capitalista (THEODORO, 2012, p.10-11).

Campbell (1990) aponta que um dos problemas que temos atualmente com relação as religiões é a insistência em um modelo antigo de doutrina que servia a outra era, para outro sistema de valores, abrindo mão de sua sincronia com a história. Para ele é necessária a adaptação dos modelos aos tempos que vivemos:

(...) acontece que o nosso tempo mudou tão depressa que o que era aceitável há cinquenta anos não o é mais, hoje. As virtudes do passado são os vícios de hoje. E muito do que se julgava serem os vícios do passado são as necessidades de hoje. A ordem moral tem de se harmonizar com as necessidades morais da vida real, no tempo, aqui e agora. Eis aí o que não estamos fazendo (CAMPBELL, 1990, p. 13).

Para as crianças, Santos (2010, p.19) apresenta que as histórias tem um papel fundamental pois já que elas “não sabem lidar com os seus sentimentos”. A linguagem adulta é muito complexa para a criança e a esfera sentimental na infância não pode ser expressa devidamente pela linguagem natural, no mundo da criança a linguagem é metafórica. Ao ouvir/ler uma história o efeito imediato ao receptor e de afastamento de sua realidade, vivendo através da imaginação o faz-de-conta proposto pela história.

Nas tradições dos povos orientais o conto mais do que um estilo de literatura era considerado uma fonte de conhecimento popular com a qual se ensinavam condutas, valores e crenças, acreditava-se mesmo em suas capacidades curativas, na qual era indicado que se o indivíduo meditasse sobre determinada história, ele reestruturava a energia mental e emocional. Para as crianças os contos costumam ter esses efeitos terapêuticos, pois através das histórias elas podem elaborar as angustias e dificuldades das personagens transmutando suas experiências da vida real, resolvendo pela imaginação seus conflitos internos (SANTOS, 2010, p. 19).

Coelho (2012) e Campbell (1990) apresentam o importante papel dos mitos como guardiões dos ritos de passagem das antigas tribos e civilizações. Nos estudos dos contos de fadas realizados pelos irmãos Grimm, primeiro para fins linguísticos, foram descobertos traços das antigas tradições religiosas dos primeiros povos germânicos, que haviam sido

reprimidas pela cultura romana-cristã. A partir das teorias animistas dos séculos XIX e XX, compreende-se que os contos de fadas são remanescentes de rito antigos e religiosidades decadentes, que desaparecem dentro das práticas populares, e permanecem como contos.

Contos tais como *Bela Adormecida*, *Cinderela* e *Chapeuzinho Vermelho*, fazem referência a parte dos antigos rituais de passagem das estações, que eram realizados com festas e invocações dos antigos deuses (COELHO, 2012, p. 113).

[...] certos contos maravilhosos devem ser restos de antigos mitos iniciáticos. A iniciação comportava, e comporta hoje, provas, tentações, simulacros de morte, disfarces em forma de animais, cenas de prestidigitação [...] e por isso ela pode fornecer-nos explicação para certos traços de personagens como ogres e canibalismo, objetos mágicos, metamorfoses, animais que falam, etc. (SANTYVES, 1923 apud COELHO, 2012, p. 113)

Nessa perspectiva há uma ligação entre contos e mitos, que pode nos auxiliar a compreender o caráter arquetípico presente em ambos. De acordo com Campbell (1990) “O ritual é o cumprimento de um mito. Ao participar de um ritual você participa de um mito”. O autor analisava que esses mitos ritualísticos estavam distantes da realidade dos jovens de sua época, e afirmava que mesmo sem esse norte os jovens estavam tendo de criar seus rituais de iniciação por sua própria conta, as gangues muito comuns em cidades grandes como Nova York eram exemplos de grupos com esses rituais (CAMPBELL, 1990, p. 86-87).

Coelho (2012, p. 102) acredita que diante de nossa realidade cada vez mais decadente e necessitada dos valores presentes nos verdadeiros mitos e arquétipos, é preciso reinventá-los e redescobri-los. Nessa perspectiva, práticas de arte educação podem se beneficiar de metodologias que possibilitem a abordagem dos arquétipos através da pesquisa da literatura oral ou escrita, da mitologia, dos contos de fadas e histórias infantis.

Ana Mae Barbosa (2010, p. 106-107) propõe o potencial de práticas de arte educação dentro de museus, ressaltando os posicionamentos de Nicholas Serota, segundo o qual as exposições e suas configurações indicam um contexto que dialoga com outros contextos, criando possibilidades de leitura, da qual parte o ensino de arte contemporâneo. Sendo esse, um direcionamento que inspirou a proposta educativa de uma exposição abordando a presente pesquisa.

4.FALAS FEMININAS AS CONTADORAS E AS PERSONAGENS

As mulheres, embora sejam interpretadas como seres quase sempre submissos nas histórias dos contos de fadas e mitos, são paradoxalmente também as guardiãs desses tesouros literários da cultura popular de diversas civilizações. De acordo com Warner (1999 *apud* CALDIN, 2006) as narradoras de histórias presentes no mundo ocidental existem desde os tempos da antiga Grécia. Platão menciona o “conto das velhas” e Apuleio utilizou a expressão “um conto de velha” e, para a autora, a figura da velha aparece muitas vezes em conjunto com as histórias eróticas e consoladoras, mostrando sua relação com a própria linguagem e o lugar da mulher. “Assim, feiticeiras, tecelãs, velhas mexeriqueiras, criadas ou amas-de-leite, as narradoras de histórias valiam-se da voz para fortalecer o laço social, expressando sua opinião em um mundo masculino por meio da narração de contos de fadas” (CALDIN, 2006, p. 287).

Os contos de fadas, apresentam uma realidade em que o papel subjugado da mulher dentro da sociedade forneceu a ela um espaço de comunicação, em que podiam expressar-se através da imaginação. A responsabilidade de cuidar das crianças imposta as mulheres, e o desprezo por esses dois grupos, deixou que os contos de fadas fossem entregues a elas como uma espécie de incubadora de ideias e sonhos onde as mulheres podiam criar e passar adiante importantes ensinamentos e expressões de seus anseios (WARNER, 1999, p. 22 *apud* CALDIN, 2006, p.287).

Vindas de camadas sociais diferentes, ocupando funções sociais diversas, as mulheres se configuraram como narradoras por excelência, valendo-se da voz com meio de transmissão da *fala falada*: os rituais narrativos garantiam a perpetuação de velhos contos. Nas *veillés*, nos encontros noturnos para troca de fofocas, notícias e histórias, as mulheres exerciam seus poderes da fala. (CALDIN, 2006, p.286)

Campbell (1990) discute o papel feminino nas representações mitológicas, primordialmente, nas sociedades agrícolas, os rituais e mitos estavam ligados a terra. O grande símbolo da terra como a mãe da qual tudo nasce e que alimenta outro ser, assim como as plantas que nascem da terra e alimentam o povo. O autor afirma que essas duas figuras, a mãe e a terra mágicas se relacionam e dão origem as personificações divinas femininas em sua essência, dando origem a Deusa, muito comum nessas civilizações, como a egípcia e mesopotâmica.

Suas variações também são encontradas na Europa neolítica, a figura masculina aparece ocasionalmente na representação de animais como o bode ou o javali, mas nada se equipara ao culto a deusa mãe. Ainda hoje encontramos regiões onde a figura da Deusa ainda é dominante como nas religiões hindus, nela a Deusa representa *maya*, a terra. Na civilização da Deusa existe uma identificação da divindade com todo o universo, pois todo o universo e seus seres são e estão em seu corpo (CAMPBELL, 1990, p. 177).

Dentro da coletânea de contos de fadas clássicos, Caldin (2006) afirmam que as histórias mais conhecidas embora sejam muito criticadas pelas teorias feministas como perpetuadoras de modelos patriarcais, na verdade não são analisadas mais próximas as suas “origens”. A autora cita como exemplo versões camponesas de Cinderela, onde a personagem principal sofre pelo excesso de trabalho e escassez de comida, até que uma árvore frutífera magicamente oferece a ela seus ramos, o príncipe então aparece na história por um acaso e se casa com a moça porque se trata de um sujeito “muito guloso” como todas as pessoas daquele lugar e casa-se com a donzela por interesse. A Bela Adormecida também apresenta uma versão onde ao invés de ser acordada com um beijo a jovem desperta sozinha e tem uma longa conversa com o príncipe, nessa história o inimigo é a sogra canibal da qual a protagonista precisa ludibriar-se sozinha (CALDIN, 2006, p. 290-291).

Para a autora, “excluindo-se as interpretações psicanalíticas o tema central dos contos de fadas é a comida ou a falta dela”. Inúmeros exemplos, como Branca de Neve que come a maçã, Rapunzel raptada pela bruxa, porque sua mãe faminta rouba um repolho do quintal da megera, João e Maria abandonados na floresta porque a família passava fome. Temas como a alimentação, a ganância, a busca pela ascendência social, a esperteza é comum nessas histórias e mostram muitas faces da própria humanidade (CALDIN, 2006, p. 293).

A autora acredita que os contos de fadas originais são sim feministas, e representam a libertação de suas criadoras através da fala. Eles eram os espaços onde as mulheres podiam se expressar e apresentar as histórias de suas personagens destemidas e com poder de decidirem seus destinos (CALDIN, 2006, p. 294). Esse poder das contadoras, tem sofrido muitas tentativas de soterramento pela sociedade patriarcal durante toda a história da sociedade, principalmente ocidental, um resgate e redescoberta dos contos maravilhosos com personagens femininas marcantes estão espalhados por todas as culturas, mas exigem um trabalho de escavação, exigem a determinação de procurar, mas o seu imenso valor para a vida das mulheres faz com que esse trabalho seja mais que necessário em nossa atualidade.

5.0 ARQUÉTIPO DA MULHER SELVAGEM

Para Estés (2014) o conceito da Mulher Selvagem se originou de seus estudos sobre os lobos, segundo a autora as mulheres e os lobos saudáveis tem algumas características em comum:

[...] percepção aguçada, espírito brincalhão e uma elevada capacidade para devoção [...] são gregários por natureza, curiosos, dotados de grande experiência e força. São profundamente intuitivos e têm grande preocupação para com seus filhotes, seu parceiro e sua matilha. Têm experiência em se adaptar as circunstâncias em constante mutação. [...] uma determinação feroz e extrema coragem. (ESTÉS, 2014, p. 16).

A descrição da autora sobre o arquétipo da Mulher Selvagem nos remete as qualidades da Grande Deusa, apresentado por Neuman (1996 apud GERMANO, 2013, p.18), envolvendo o “ser alfa matrilinear”, “megera-criadora”, envolvendo todas as facetas importantes do feminino, recebendo “muitos nomes”. Na descrição de Estés (2014, p. 21) ela “é amiga e mãe de todas as que se perderam, de todas que precisam aprender, de todas que têm um enigma para resolver, de todas as que estão lá fora na floresta ou no deserto, vagando e procurando”.

Ao explorar o feminino e o selvagem, Estés (2014, p. 21) afirma a conexão entre a mulher e a natureza, afastados através das noções de moral e vergonha criada pelo mundo ocidental com o domínio do patriarcado. A autora aponta o selvagem como uma maneira de “viver uma vida natural”, fugindo das barreiras que as civilizações e culturas criaram para as mulheres.

Quando o homem tomou conhecimento de sua participação no processo de fecundação, iniciou-se o nascimento da cultura patriarcal. A mulher passou de divindade a propriedade do homem. A partir da Idade Média essa ideologia fundiu-se ao cristianismo. A moral e o pecado cristão demonizaram a relação do feminino sagrado com a natureza. Dentro da mitologia cristã a Deusa, é a Virgem Maria, apontada por Paglia (1992, apud SOUZA, 2015, p. 26) como desprovida do terror ctônio. A palavra “ctônio” significa terra, “mas das entranhas da terra”, o mundo subterrâneo e de mistérios “[...] O corpo da mulher é um lugar secreto, sagrado”. Através das narrativas clássicas o patriarcado reafirma seu caráter de subjugação e interiorização das mulheres.

No século XIX inicia-se um movimento em prol do sufrágio feminino, considerado a primeira onda do movimento feminista, que ganha força em 1968, com a chamada segunda onda do feminismo, que toma os círculos acadêmicos e confere ao Feminismo uma abordagem teórica. Em 1979, Sandra Gilbert e Susan Gubar publicam *The Madwoman in the Attic*, na obra as autoras mostram como a tradição literária ocidental criou dois estereótipos de personagens femininas, que afetou as mulheres escritoras, tendo essas que destruir essas imagens para construir sua literatura: a mulher anjo e a mulher monstro (SOUZA, 2015, p. 29-30).

A partir dos questionamentos lançados pelo movimento feminista, abre-se um caminho de volta para a Deusa, para as múltiplas faces das mulheres, seu papel dentro da sociedade, da família e como indivíduo no mundo. Ao colocar em xeque os comportamentos femininos idolatrados pelo patriarcado, as mulheres necessitam resignificar e buscar novos modelos mais adequados para se colocarem diante do mundo. A busca pelos direitos iguais acabou desviando a mulher contemporânea de sua real natureza, que não é igual a do homem, mas dotada de seus próprios aspectos e ciclos.

Estés (2014, p. 29) afirma que as histórias “são bálsamos medicinais”, dão instruções e fornecem meios para realizar uma tarefa. A evolução da Ciência resgatou o estudo dos contos de fadas, deixando de serem considerados como mero entretenimento infantil, para se reconfigurarem como fontes do conhecimento da humanidade (COSME, 2016, p. 18). O conhecido “Era uma vez...” vem no começo das histórias e nos remete a uma espécie de gatilho mental, o abrir de uma porta, que nos transporta para um tempo de eternidade, no qual vivemos experiências internas, através da representação simbólica apresentada (CAVALCANTI, 2002, p. 41).

6.A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS

Para Campbell (1990, p. 105) a função do artista contemporâneo é a de transmitir os mitos dentro da nossa sociedade, sendo necessitada dele a sensibilidade para compreender a mitologia e a sociedade. O autor afirma a relação íntima entre os mitos e as artes com a comparação das pinturas primitivas nas cavernas, pois é difícil precisar os limites espirituais e estéticos das criações presentes ali, o quanto daquela beleza é proposital, e como poderia assim ser, se eles mal conseguiam com uma rústica tocha. A beleza da arte primitiva é como a beleza artística da natureza, das tramas tecidas nas teias das aranhas. “Quanto da beleza das nossas próprias vidas diz respeito à beleza de estar vivo? Quanto disso é consciente e intencional? Esta é a grande questão (CAMPBELL, 1990, p. 83).

A Arte assim como os mitos, contos e histórias fantásticas trazem formas de comunicação que muitas vezes não se refletem de maneira formalista. A alegoria e a metáfora se apresentam em ambas as representações da linguagem. Guimarães (2017, p.8) afirma que as “imagens fazem parte do nosso cotidiano e, assim como as histórias, elas nos formam, informam e são, também, poderosas formas de comunicação. Elas não estão só presentes em nosso imaginário, porém estão por todos os lados e nos cercam diariamente.”

O trabalho de criação artística com a imagem, se trata da formação de um texto uma imagem para ler, por muito tempo as ilustrações de histórias foram vistas como apenas um complemento do texto, porém essa realidade tem apresentado uma mudança, como no caso da ilustração de livros infantis onde a força da imagem se sobrepõe ao textos, além de que elas podem muitas vezes inspirar a própria imaginação enriquecendo ainda mais a experiência daquele que tem contato com ela (SILVA, 2017, p.8-9).

O presente trabalho busca um percurso criativo experimental que alia o processo de contar histórias à pesquisa de arquétipos e imagens. De modo complementar, se busca bases metodológicas que anunciam um percurso arte educativo que encontra na narração/contação de histórias um caminho potente, na medida em que busca articular narração e imagens. No caso imagens que remetem a contos redescobertos, que trazem a força da Mulher Selvagem de volta a contemporaneidade. Histórias de mulheres que enfrentam seus medos, auxiliam outras mulheres, derrubam preconceitos, encontram Conhecimento e falam com sabedoria, mulheres que amam e que lutam.

7.PESQUISA EM ARTES VISUAIS NO DIÁLOGO COM A LITERATURA.

Nesse tópico, busco uma aproximação entre a literatura e a criação artística. O estudo de um conjunto de contos que aportam o arquétipo da mulher selvagem são a base de inspiração para ilustrações elaboradas durante a pesquisa. Trata-se de um ensaio iconopoético - na medida em que articula literatura e arte, texto e imagem (FREITAS, 2018). Os desenhos são livres criações inacabadas que dialogam com os fragmentos literários e encontram nos arquétipos seu ponto de articulação.

Durante todo o meu percurso de vida, sempre fui uma pessoa afeccionada por literatura fantástica, clássica ou contemporânea. Os contos de fadas, as lendas, os mitos, sempre tiveram um lugar de destaque nas minhas preferências de leitura. Descobrir novas histórias que já existiam há, talvez, milhares de anos, é um hobby que tenho desde criança quando passava as tardes na biblioteca da escola em que minha mãe, professora, trabalhava. Um dos contos selecionados inclusive, “A Princesa que se perdeu na floresta”, foi encontrado nessa mesma biblioteca, pertencente a coletânea Bazar do Folclore de Ricardo Azevedo (2002), reencontrado especialmente para essa pesquisa, essa foi a primeira vez que eu li uma história que falava de uma princesa que enfrentava seus inimigos e salvava a si mesma, e que era muito mais parecida comigo e com as mulheres que eu conhecia.

Com a história de “Vassalissa”, encontrado na obra de Estés, identifiquei um conto que remete aos processos de amadurecimento íntimo de várias mulheres, fala provavelmente sobre um povo muito antigo e seus conhecimentos tribais, além de conter em sua narrativa elementos clássicos de vários contos de fadas. “A História da Donzela Theodora”, foi encontrado na literatura de cordel, ela é uma imagem positiva e rara da mulher sábia na literatura ocidental.

As possibilidades de ensino dentro do campo da Arte são inúmeras, inclusive a de levar ao público de forma educativa, temáticas como as exploradas nessa pesquisa que não necessariamente se enquadra dentro dos currículos de arte educação, mas dialoga com eles. Dentro de uma proposta contemporânea, compreendo a importância do arte educador também ser um artista, de modo a poder ensinar aquilo que ele experiencia na prática.

As criações elaboradas a partir da pesquisa buscam construir narrativas visuais, a partir de pequenos trechos, ou aspectos marcantes dos contos apresentados. Essas narrativas se materializam em pequenas ilustrações de aquarela em folhas A4 de papel fabriano (22,5x13,9). A ilustração é uma técnica que desenvolvo desde que tenho pelo menos 12 anos de idade, tudo por culpa de um homem-aranha desenhado para um trabalho de artes. Na

Universidade tive contato com a técnica de aquarela, e ainda que não seja a técnica que mais domino, me pareceu a escolha mais acertada no desenvolvimento de um tema que tem como principal característica o seu caráter onírico, de imaginação e sonhos. A fluidez da aquarela, a forma como ela se espalha e se mistura, representa de maneira perfeita a difusão das imagens oníricas e igualmente sua beleza.

7.1 VASSALISA

Vassalisa é um conto de origem báltica, que mescla referências de contos clássicos como “Branca de Neve e os Sete Anões” e “Cinderela”, com a morte da mãe e a presença de uma madrasta que maltrata a personagem, “João e Maria” com a entrada na floresta e o encontro com a bruxa. Porém, vai mais além e traz consigo uma complexidade de elementos que claramente simbolizam antigas iniciações e ensinamentos tribais das comunidades daquela região. Esse conto apresenta a imagem da deusa selvagem detentora da morte-vida, na imagem de Baba Yaga, a bruxa dos ossos e fala sobre o resgate da intuição. (ESTÉS, 2014, p.92)

A inspiração da obra veio das ilustrações tradicionais de contos de fadas e trecho do conto presente no livro “Mulheres que correm com os lobos” (2014):

A cerca feita de caveira e ossos ao redor da choupana começou a refulgir com um fogo interno de tal forma que a clareira ali na floresta ficou iluminada com uma luz espectral. [...] Ainda mais estranha era a casa de Baba Yaga. Ela ficava em cima de enormes pernas de galinha, amarelas e escamosas, e andava de um lado para o outro sozinha. Ela às vezes girava e girava como uma bailarina em transe. (ESTÉS, 2014, p. 94)

Esse conto foi o primeiro escolhido para integrar a pesquisa, por ser um conto riquíssimo de elementos simbólicos, e referências clássicas dos contos de fadas tradicionais.

ILUSTRAÇÃO 1 – VASSALISA NA FLORESTA (22,5x13,9)



FONTE: A autora (2019)

LEGENDA: Aquarela e nanquim sobre Fabriano 200 g/m²

2.1.A PRINCESA QUE SE PERDEU NA FLORESTA

Este conto pertence ao folclore brasileiro, embora muito provavelmente tenha raízes lusitanas, conta a história de uma princesa que se perde na floresta durante uma caçada, e acaba parando em um país distante, a partir daí ela se disfarça de criada e começa a trabalhar no castelo onde quebra uma maldição que faz com que a princesa deste reino seja tido como louca. A Princesa que se torna criada durante o conto passa por adversidades onde enfrenta criaturas sobrenaturais, até reencontrar sua verdadeira identidade.

O trecho da história ilustrado faz alusão a um desses desafios:

Certa tarde, o céu ficou escuro e as luzes do castelo e da cidade se apagaram. Assustadas, as pessoas correram trancando-se em suas casas. A princesa criada fez diferente. Mandou a menina doente ficar no quarto esperando e saiu para ver se descobria a razão daquela inesperada falta de luz. Andou, andou até enxergar um clarão no meio do mato. Chegando perto, viu dois imensos cachorros peludos, em volta de uma fogueira, andando sobre duas patas e mexendo uma colher, num caldeirão. Junto deles um homem mal-encarado recitava:

*Gira que gira que enquanto girar
A doce princesa não pode pensar
Mexe que mexe que enquanto mexer
A doce princesa vai enlouquecer.*

(AZEVEDO, 2001, p. 7, grifos do autor)

A escolha do conto partiu da representação feminina de sua protagonista, que traz uma fala ao início da história em que a princesa diz ao pai “que gostava de jóias e perfumes, mas também de viajar, conhecer lugares distantes e andar pelas estradas enfrentando os imprevistos.” (AZEVEDO, 2001, p.5). Este posicionamento da personagem é muito característico da mulher contemporânea, que já não se encaixa em um padrão de feminilidade fechado, mas define-se a partir de gostos pessoais e possibilidades de fazer aquilo que se quer.

A criação da ilustração desse conto partiu de estudos feitos sobre representação de personagens e cenários, uma das principais inspirações são as obras do ilustrador Josh McQuary¹, que trabalha com composições monocromáticas e o contra ponto de luzes e sombras, além temas fantásticos em suas obras.

¹McQuary, Josh. MCMONSTER (MICK-MONSTER) @mc_monster. Não paginado. Disponível em: https://www.instagram.com/mc_monster/ Acesso em: 31 mai. 2019

ILUSTRAÇÃO 2 – O FEITIÇEIRO (22,5x13,9)



FONTE: A autora (2019)

LEGENDA: Aquarela e caneta gel branca sobre Fabriano 200 g/m²

7.1.HISTÓRIA DA DONZELA TEODORA

Este conto popular proveniente da literatura de cordel narra a história de Teodora uma moça escrava, comprada por um mercador que reconheceu nela “Formato de fidalguia”, ele então permite que a moça estude tudo que ela quiser aprender, Teodora detém tanto conhecimento que chega a ensinar seu próprio professor. Um dia seu amo perde toda sua fortuna e recorre a donzela para que o aconselhe no que fazer, ela então propõe que ele a venda ao rei por um alto preço, para provar seu valor ao monarca a moça tem de ser testada pelos três homens mais sábios do reino. Teodora não apenas vence o embate, como também recupera a fortuna de seu amo e o direito de escolha sobre seu próprio destino, preferindo voltar para casa com o mercador. (BARROS, [18-?])

Celestino (2007) faz uma análise sobre a história de Teodora, como um conto da personificação da mulher sábia, ou como Estés (2014) denomina: La que Sabé. Essa é uma narrativa que explora a relação entre mulher e conhecimento, com o diferencial de outros mitos como o de Pandora ou Eva, em que a protagonista acaba sendo punida pela sua curiosidade, Teodora é exaltada e liberta por seu conhecimento.

Cascudo acena como fator de permanência e sucesso dessa história sua identificação junto ao leitor. Segundo ele, há nos contos populares, em todas as partes e em todas as épocas, a figura da heroína recorrente, moça inteligente e viva que, evitando ciladas, castigando erros, respondendo enigmas, se salva e a outros e ainda casa-se bem. Estas heroínas, encontradas em ciclos europeus, africanos e americanos, salvam o pai, defendem irmãos, guardam a castidade e ainda conquistam noivo. Alguns exemplos podem ser encontrados nos contos dos irmãos Grimm, nos contos populares russos, espanhóis e portugueses. (CELESTINO, 2007, 277)

A autora traz a problematização da interdição imposta pela cultura que afasta a mulher do conhecimento, a mulher enquanto um ser criador por natureza, tem essa simbologia de trazer o novo e desconstruir a ordem vigente e por consequência criar nela uma desorganização, não desejada pelos homens. Essa história se coloca como um “contradiscurso que busca reverter a situação de interdito da mulher em relação a alguns campos do conhecimento, em especial daqueles onde o predomínio é masculino.” (CELESTINO, 2007, p. 287)

A inspiração para a ilustração da História da Donzela Teodora, vem da relação apontada no texto da personagem com o conhecimento, em principal da astrologia que será determinante em seus duelos. A partir de estudos anteriores da autora que já trabalha com personagens femininas, diferente das propostas antecedentes de ilustrar cenários retratados na literatura aqui a criação segue em um percurso onírico.

ILUSTRAÇÃO 3 – A DONZELA TEODORA (22,5x13,9)



FONTE: A autora (2019)

LEGENDA: Aquarela e guache sobre Fabriano 200 g/m²

8.ARQUÉTIPOS E HISTÓRIAS: ENSAIO DE UM PROJETO EXPOSITIVO

O conceito de instalação remete a exposição de um conjunto tridimensional e variado de elementos, organizados em torno de um conceito orientador (NOROGRANDO, 2018).

O conceito orientador desta instalação é o arquétipo da mulher selvagem. Duas fontes são basicamente incorporadas a esse processo. Uma vem da literatura: fragmentos dos contos, passagens destacadas, dialogando com desenhos inspirados na sua leitura e pesquisa.

O projeto investe na elaboração de um croqui da instalação, buscando dimensionar o espaço físico necessário, elementos de produção, entre outras opções estéticas e artísticas.

O conceito articula imagens e textos, com espaços de interação entre espectadores e os materiais expostos.

Por limitações de logística e financeiras, esse projeto não pode ser aprofundado nem executado durante a elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso, entretanto, decide-se manter o croqui, anunciando que o processo expositivo, na modalidade de instalação, pode ser potente para a continuidade da pesquisa, talvez na pós-graduação.

ILUSTRAÇÃO 4 - CROQUI EXPOSITIVO



FONTE: A autora (2017)

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante esta pesquisa busquei uma aproximação do arquétipo da mulher selvagem através do estudo de contos de fadas, literatura, pesquisa bibliográfica e criação artística. Especialmente foi inspiradora a obra "*Mulheres que correm com lobos*", de Clarissa Pinkola Estés (1999). Através de uma pesquisa bastante abrangente, a autora aborda o arquétipo da mulher selvagem identificando-o em uma diversidade de contos e histórias, narrativas situadas entre o universo dos mitos e das representações.

Busquei associar a pesquisa de Estés com as questões contemporâneas que envolvem a retomada do arquétipo da Deusa, diante do amadurecimento de agendas feministas que refutam as imagens impostas pelo capitalismo patriarcal e colonial ao feminino, recuperando a dimensão de força, vitalidade, coragem, sabedoria. A partir do estudo arquetípico, busquei desdobramento iconopoético da pesquisa, articulando a literatura com a produção de desenhos que possam aproximar a literatura das imagens recorrentes nas narrativas e, através delas, promover uma aproximação dos arquétipos. Busquei, ainda que de modo preliminar, anunciar desdobramentos da pesquisa arquetípica com a arte, e a arte educação.

Considerando o material produzido - desenhos autorais e pesquisa literária - a pesquisa pode ter desdobramento expositivo, em uma instalação, que possa receber contação de histórias e difundir seus fundamentos, como demonstra o croqui elaborado. A pesquisa enfatizou a busca compreensiva da autora pelo arquétipo da mulher selvagem. A continuidade desse trabalho aponta para duas rotas que podem ser perseguidas em pesquisa futura: uma a da literatura: fragmentos dos contos, passagens destacadas, dialogando com desenhos inspirados na sua leitura e pesquisa. A outra a das entrevistas com mulheres contemporâneas na universidade, seus discursos, representações em diálogo com esse arquétipo.

Ao final do percurso, fica esse caminho a perseguir, e a certeza de que a temática merece ser aprofundada e desenvolvida em pesquisas futuras, sendo potente para o desdobramento em atividades de arte educação.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Ricardo. Bazar do folclore: tradição popular. São Paulo: Ática, 2001. (Coleção literature em minha casa; v. 5)

BARROS, Leandro Gomes de. História da Donzela Teodora [en ligne]. 32 p. [18-?] Disponível em : <<http://cordel.edel.univ-poitiers.fr/show/107>> Acesso em: 31/05/2019

BARBOSA, Ana Mae. Dilemas da Arte/Educação como mediação cultural em namoro com as tecnologias contemporâneas. In: BARBOSA, Ana Mae (org.). Arte/Educação contemporânea: consonâncias internacionais. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

BETTELHEIN, Bruno. A psicanálise dos contos de fadas. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

CALDIN, Clarice Fortkamp. Vozes femininas nos contos de fadas: a experiência da fala falante. Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v.11, n.2, p. 283-296, ago./dez., 2006.

CAMPBELL, Joseph. O Poder do Mito. São Paulo: Palas Athena, 1990.

CAVALCANTI, Joana D'arc de Mendonça. "Dor-Amor": Leitura e Escrita dos Contos de Fadas. Tese (Doutorado em Teoria da Literatura). 313 f. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2002.

CELESTINO, Luciana Carlos. História da donzela Teodora: uma narrativa de transgressão feminina em direção ao reino da alma selvagem. Revista Cronos, Natal-RN, v. 8, n. 1, p. 275-284, jan./jun. 2007

CESCHI, Cristiana Souza. A Menina, o Cavalo e a Chuva: A arte de contar histórias e a cibercultura. 143 f. Dissertação (Mestrado em Artes). Escola de Comunicações e Artes – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014.

COELHO, Nelly Novaes. O conto de fadas: símbolos – mitos – arquétipos. São Paulo: Paulinas, 2012.

COSME, Ana Luisa Feijó. Era uma vez... Branca de Neve e a representação feminina no conto clássico e no filme Espelho, espelho. Dissertação (Pós-graduação em Letras/ Mestrado em História da Literatura). 159 f. Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Rio Grande. 2016.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem . Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

FREITAS, Ana Elisa de Castro. Nas brumas revigorantes de Jakaira Chu Ete, o encantamento feminino das palavras Mbya Guarani. Das Questões. V.5 n.5. Brasília: UnB, 2018.

GERMANO, Julyanna de Souza Barbosa. Representações Arquetípicas do Feminino em uma lenda e dois contos literários. Dissertação (Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade) 112 f. Universidade Estadual da Paraíba. Campina Grande, 2013.

JUNG, Carl Gustav. O homem e seus símbolos. São Paulo: Nova Fronteira, 1998.

MCLEAN, Adam. A Deusa Triplice: Em Busca do Feminino Arquetípico. São Paulo: Cultrix, 1998.

NOROGRANDO, Ana. Ensaio sobre as obras e corpos de Ana Norogrande na Queermuseu. Iluminuras, Porto Alegre, v. 19, n. 46, p. 396-404, jan/jul, 2018.

RUBIRA, Fabiana de Pontes. Contar e ouvir estórias: um diálogo de coração para coração acordando imagens. Dissertação (Mestrado em Educação). 219 f. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006.

SANTOS, Loide de Azevedo. A contação de história como recurso terapêutico. 33 f. Monografia (Especialização em Arteterapia, saúde e educação) Universidade Cândido Mendes. Rio de Janeiro, 2010.

SILVA, Affonso José Guimarães da. Livro infantil: ilustrando uma história. 30 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Artes). Setor Litoral – Universidade Federal do Paraná. Matinhos, 2017.

SOUZA, Juliana Cristina Terra de. As representações do feminino em As Brumas de Avalon, de Marion Zimmer Bradley. Monografia (Bacharelado em Letras). 66 f. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Araraquara, 2015.

THEODORO, Ana Cláudia Nascimento. Era uma vez... As metamorfoses nos contos de fadas contemporâneos. 128 f. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) Instituto de Letras e Linguística – Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2012.